



Quando os mares se abriram*

Luana Chnaiderman**

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
almluana@gmail.com

Quando o mar se abriu eu vi a cara de espanto.

O oceano vácuo, corredor, passagem. Os peixes todos em aquário abaulado gigante a conhecer a parede líquida que se formou para que nós passássemos.

Em meio ao caminho úmido salgado, pisando na lama do fundo do mar, a gente via as baleias observando o milagre, nos pés as conchas jardim, flores retorcidas em musgo e sal.

Em meio ao oceano seco, a gente escorregava e se alguém, por exemplo, esquecesse as sandálias, cortava os pés nos corais afiados de lâminas arco-íris.

Eu peguei uma concha da praia e quis dar para o meu namorado, mas não podia, nem pensar numa hora dessas, a mão e o milagre e a abertura dos oceanos, a liberdade, terra de leite e mel e os que vêm atrás em perseguição, afogados em dores de dez pragas.

O meu namorado, as flores e pérolas corais, em meio à correria.

Ele perdeu o ar e eu fiquei preocupada, mas as estrelas-do-mar catedrais furta-cor e a gente devia correr e andar sempre reto. Os olhos baleia, os pés cortados, o ar faltou e ele ficou para trás.

As águas levantadas, as ondas sobre o inimigo, as margens do mar se abriram e ali, no mar vermelho, logo antes do deserto, eu perdi meu namorado, que perdeu o ar e se atrasou.

Recebido em: 10/06/2018.

Aprovado em: 10/08/2018.

* Publicado originalmente em *Os animais domésticos e outras receitas* (São Paulo: Perspectiva, 2018).

** Mestre em Letras pelo Programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, escritora e professora.